

INGRID BETANCOURT

Não há silêncio que não termine

Meus anos de cativo na selva colombiana

Tradução

Antonio Carlos Viana

Dorothée de Bruchard

José Rubens Siqueira

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Ingrid Betancourt

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Même le silence a une fin

Capa

warrakloureiro

Imagem de capa

Ingrid Betancourt

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Daniela Medeiros

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Betancourt, Ingrid

Não há silêncio que não termine : meus anos de cativo na selva colombiana / Ingrid Betancourt. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : Même le silence a une fin.

Vários tradutores.

ISBN 978-85-359-1738-3

1. Betancourt, Ingrid, 1961 - Cativo, 2002-2008 Betancourt, Ingrid, 1961 - Rapto 3. Colômbia - Biografia 4. Colômbia - Política e governo - 1974 - 5. Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia 6. Legisladores mulheres - Colômbia - Biografia 7. Mulheres candidatas presidenciais - Colômbia - Biografia 8. Sequestro político - Colômbia 9. Vítimas de sequestro - Colômbia - Biografia 1. Título.

10-08385

CDD-986.10634092

Índice para catálogo sistemático:

1. Colômbia : Sequestradores políticos :

Biografia 986.10634092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*A todos os meus irmãos ainda mantidos como reféns
Aos meus companheiros de cativeiro
A todos aqueles que lutaram pela nossa liberdade*

A Mélanie e Lorenzo

À minha mãe

Sumário

1. A fuga da jaula	13
2. Adeus	37
3. A captura	46
4. El Mocho César	58
5. O acampamento de Sonia	67
6. A morte de meu pai	83
7. O abismo	88
8. Os marimbondos	96
9. As tensões do convívio.	109
10. Prova de sobrevivência.	117
11. A casinha de madeira.	122
12. Ferney	130
13. Aprendiz de tecelã	136
14. Os dezessete anos de Mélanie	140
15. À flor da pele	144
16. O raide.	150
17. A jaula	159
18. Os amigos que vêm e vão	163
19. Vozes de fora	169
20. Uma visita de Joaquín Gómez	173

21. Segunda prova de sobrevivência.	181
22. A vidente	186
23. Um encontro inesperado.	190
24. O acampamento de Giovanni	194
25. Nas mãos da sombra	201
26. A serenata de Sombra	207
27. O arame farpado	211
28. A antena parabólica	218
29. Na prisão	222
30. A chegada dos americanos	227
31. A grande disputa	233
32. A numeração	239
33. A miséria humana	243
34. A doença de Lucho	247
35. Um triste Natal	256
36. As querelas	265
37. O galinheiro.	271
38. Volta à prisão	278
39. O confisco dos rádios.	283
40. A libertação dos filhos de Gloria.	293
41. As pequenas coisas do inferno.	296
42. O dicionário.	302
43. Meu amigo Lucho	305
44. A criança	309
45. A greve.	314
46. Os aniversários	319
47. A grande partida	324
48. A crise de fígado	327
49. A pilhagem de Guillermo	333
50. Uma ajuda inesperada	336
51. A rede	341
52. Venda de esperança.	346
53. O grupo dos dez	354
54. A marcha interminável.	362
55. As correntes	370
56. A lua de mel.	374
57. Nas portas do inferno	381

58. A descida aos infernos	387
59. O diabo	392
60. Agora ou nunca.	398
61. A fuga	403
62. A liberdade	415
63. A escolha	426
64. O fim do sonho	431
65. Punir.	436
66. A retirada	442
67. Os ovos	448
68. Monster	452
69. O coração de Lucho	458
70. A fuga de Pinchao	466
71. A morte de Pinchao	474
72. Meu amigo Marc	480
73. O ultimato.	487
74. As cartas.	493
75. A separação	500
76. Afagando a morte.	504
77. Terceira prova de sobrevivência	513
78. A libertação de Lucho	519
79. A discórdia	528
80. O Sagrado Coração.	535
81. O embuste.	539
82. O fim do silêncio	548
Agradecimentos.	555

1. A fuga da jaula

Dezembro de 2002

Tomei a decisão de fugir. Era minha quarta tentativa, mas depois da última vez as condições de detenção tinham se tornado ainda mais terríveis. Eles haviam nos instalado numa jaula construída com tábuas de madeira e folhas de zinco à guisa de telhado. O verão estava chegando, fazia mais de um mês que não tínhamos tempestades à noite. Ora, uma tempestade era indispensável para nós. Eu localizara uma tábua meio podre num canto de nosso cubículo. Empurrando-a fortemente com o pé, consegui rachá-la o suficiente para criar uma abertura. Fiz isso numa tarde, depois do almoço, enquanto o guarda cochilava em pé, equilibrado sobre seu fuzil. O barulho o assustou. Ele se aproximou, nervoso, e deu a volta na jaula devagar, como um animal selvagem. Eu o acompanhava pelas fendas que separavam as tábuas, prendendo a respiração. Ele não conseguia me ver. Parou duas vezes, chegando a grudar o olho num buraco, e por um instante nossos olhares se cruzaram. Deu um pulo para trás, assustado. Depois, para disfarçar, plantou-se bem na entrada da jaula; estava indo à forra, pois não tirava mais os olhos de mim.

Evitando o olhar dele, eu fazia cálculos. Era possível passar por aquela abertura? Em princípio, se a cabeça passasse, o corpo também deveria passar. Eu pensava em minhas brincadeiras de criança, esgueirando-me entre as barras de uma grade do parque Monceau. Era sempre a cabeça que bloqueava tudo. Mas eu já não tinha tanta certeza. Para o corpo de uma criança a coisa funcionava assim, mas

para um adulto as proporções seriam as mesmas? Eu estava mais inquieta ainda porque, embora fôssemos bem magras, Clara e eu, nas últimas semanas eu tinha notado um fenômeno de inchaço dos nossos corpos, provavelmente uma retenção de líquidos decorrente da imobilidade forçada. Em minha companheira isso era muito visível. Em mim era mais difícil avaliar, pois não tínhamos espelho.

Eu havia falado com ela sobre isso, o que a irritara profundamente. Tínhamos feito duas tentativas de fuga antes e isso se tornara um assunto de desentendimento entre nós. Conversávamos pouco uma com a outra. Ela perdia a paciência facilmente e eu andava às voltas com minha obsessão. Só pensava na liberdade, em dar um jeito de escapar das mãos das Farc.

Portanto, fazia cálculos ao longo dos dias. E preparava com detalhes o material para nossa expedição. Dava muita importância a coisas bobas. Pensava, por exemplo, que era inimaginável partir sem meu casaco. Esquecera que ele não era impermeável e que, uma vez molhado, pesaria toneladas. Achava também que deveríamos levar o mosquiteiro.

“Também vou ter de prestar muita atenção na questão das botas. De noite sempre as deixamos no mesmo lugar, na entrada do cubículo. Podemos começar a colocá-las aqui dentro para que eles se acostumem a não vê-las mais quando dormimos... Também teremos de conseguir um facão. Para nos defender dos animais selvagens e para abrir caminho no mato. Vai ser muito difícil. Eles estão de pé atrás. Não esqueceram que conseguimos surrupiar um facão quando estavam construindo o antigo acampamento. Pegar as tesouras que eles nos emprestam de vez em quando. Também tenho de pensar nos mantimentos. Precisamos estocar sem que eles percebam. E tudo deve estar bem embalado dentro de plásticos, porque teremos de nadar. E não deve estar pesado demais, do contrário teremos dificuldade em avançar. Devemos estar o mais leve possível. E levarei meus tesouros: nem pensar em deixar as fotos das crianças e as chaves do meu apartamento.”

Assim, eu passava os dias a cogitar, repensando vinte vezes no percurso a seguir quando tivéssemos saído do cubículo. Avaliava parâmetros de todo tipo: onde devia estar o rio, de quantos dias precisaríamos até obter ajuda. Imaginava, horrorizada, o ataque de uma anaconda dentro da água, ou de um enorme jacaré como aqueles que eu tinha visto, de olhos vermelhos e brilhantes, sob a tocha de um guarda quando descíamos o rio. Via-me atracada com um tigre,* pois os

* Denominação corrente, na Colômbia, da onça-pintada.

guardas tinham me feito uma descrição feroz desse bicho. Pensava em tudo o que podia me dar medo, para me preparar psicologicamente. E tinha decidido que, dessa vez, nada me deteria.

Só pensava nisso. Não dormia mais desde que compreendera que no sossego da noite meu cérebro funcionava melhor. Observava e tomava nota de tudo: a hora das trocas dos guardas, como se posicionavam, qual deles vigiava, qual dormia, qual fazia um relatório ao seguinte sobre o número de vezes que tínhamos nos levantado para urinar...

E, depois, tentava também manter contato com minha companheira a fim de prepará-la para o esforço que a fuga exigiria, as precauções a tomar, os barulhos a evitar. Ela me escutava, desesperada, em silêncio, e só me respondia para expressar uma recusa ou um desacordo. Alguns detalhes eram importantes. Era preciso preparar um boneco, que colocaríamos sobre nossas camas para dar a impressão de um corpo encolhido no lugar do nosso. Eu não tinha o direito de me afastar da jaula, a não ser para ir aos *chontos** fazer minhas necessidades. Era, então, o momento de dar uma olhada no buraco do lixo, com a esperança de descobrir elementos preciosos.

Certa noite, voltei de lá com uma velha sacola de feira que estava mergulhada nos restos de comida em decomposição e com pedaços de papelão: o material ideal para fabricar nosso boneco. Minha atitude irritara o guarda. Não sabendo se devia me proibir de pegar o que tinha sido jogado fora pelo grupo, ele me intimou a me apressar, reforçando a invectiva com um movimento do cano da arma. Quanto a Clara, ficou com nojo do precioso butim, sem entender que serventia poderia ter para nós.

Eu percebia o quanto estávamos afastadas. Obrigadas a permanecer grudadas uma na outra dia e noite, reduzidas a um regime de irmãs siamesas sem ter nada em comum, vivíamos em mundos opostos: ela procurava se adaptar, eu só pensava em fugir.

Depois de um dia particularmente quente, começou a ventar. A selva ficou silenciosa por alguns minutos. Nem mais um só pio de pássaro nem um sussurro de asas. Todos nós viramos a cabeça para o vento, a fim de escutar o tempo: a tempestade se aproximava.

O acampamento entrava numa atividade febril. Uns checavam os nós de suas barracas, outros iam correndo recolher a roupa que secava num quadrado ensolelarado, alguns, mais previdentes, iam aos *chontos*, para o caso de a tempestade se

* Termo usado pelas Farc para designar as latrinas improvisadas, cavadas na terra.

prolongar. Eu olhava para aquela agitação com um nó na barriga de tanta angústia, rezando para que Deus me desse forças para ir até o fim. “Esta noite estarei livre.” Repetia essa frase sem parar, para não pensar no medo que retesava meus músculos e os esvaziava de sangue, enquanto fazia a muito custo os gestos mil vezes previstos em minhas horas de insônia: esperar que anoitcesse para construir o boneco, dobrar o grande plástico preto e enfiá-lo dentro da bota, abrir o pequeno plástico cinza que me serviria de poncho impermeável, verificar se minha companheira estava pronta. Esperar que a tempestade caísse.

Eu tinha aprendido com as tentativas de fuga anteriores que o melhor momento para escapar era na hora do lusco-fusco, o que na selva acontecia pontualmente às seis e quinze. Durante alguns minutos, quando os olhos começavam a se adaptar à escuridão, e antes que a noite caísse de vez, todos nós ficávamos cegos.

Eu tinha rezado para que a tempestade caísse exatamente nessa hora. Se saíssemos do acampamento logo antes que a noite tomasse conta da selva, os guardas se sucederiam sem notar nada de especial e o alerta só seria dado na manhã seguinte, bem cedinho. Isso nos dava o tempo necessário para nos afastarmos e nos escondermos durante o dia. As equipes lançadas em nosso encalço iriam avançar muito mais depressa do que nós, porque eram bem mais treinadas e se beneficiariam da luz do dia. Mas, se conseguíssemos sair sem deixar rastro, quanto mais nos afastássemos, mais o perímetro de busca se estenderia. Assim, para cobrir essa área, eles precisariam de um grupo de homens maior do que aquele de que dispunham no acampamento. Pensei que era possível nos deslocarmos de noite porque não nos procurariam no escuro: suas lanternas nos permitiriam localizá-los e nos esconder antes que conseguissem nos encontrar. Ao fim de três dias, andando a noite inteira, estaríamos a uns vinte quilômetros do acampamento e seria impossível que nos achassem. Depois disso, teríamos de caminhar durante o dia, perto do rio, sem propriamente margeá-lo, já que o mais provável era que as buscas prosseguiriam por ali, e enfim chegaríamos a algum lugar onde pedir ajuda. Era factível, sim, eu acreditava. Mas precisávamos sair cedo para andar o máximo possível nessa primeira noite e conseguir uma boa distância do acampamento.

Ora, naquela noite a hora propícia tinha passado e a tempestade não chegava. O vento soprava sem parar, mas o temporal roncava ao longe e uma certa tranquilidade voltara ao campo. O guarda se enrolou num grande plástico preto que lhe dava um ar de guerreiro antigo, desafiando os elementos com a capa ao vento. E cada um se preparava para a chegada da tempestade com a serenidade do velho marinheiro que pensa ter escorado sua carga.

Os minutos se passavam numa lentidão infinita. Ao longe, um rádio fazia chegar até nós os ecos de uma música alegre. O vento continuava a soprar, mas a tempestade se calara. De vez em quando, um raio cruzava a muralha vegetal e minha retina me imprimia no cérebro a imagem em negativo do acampamento. Estava fresco, quase frio. Eu sentia a eletricidade cruzar o espaço e me arrepiar a pele. Pouco a pouco, meus olhos incharam de tanto esquadrihar a escuridão, e minhas pálpebras estavam ficando pesadas. “Esta noite não vai chover.” Minha cabeça tombava. Clara se enrolou em seu canto, vencida pela sonolência. E eu mesma me senti aspirada por um sono profundo.

Uma chuvinha que atravessou as tábuas me acordou. Senti o frio na pele e fiquei arrepiada. O barulho dos primeiros pingos de chuva no zinco acabou por me tirar do torpor. Encostei no braço de Clara: tínhamos de partir. A chuva ia ficando cada vez mais forte, mais grossa, mais apertada. Mas a noite continuava muito clara. A lua não estava do nosso lado. Olhei lá fora, entre as tábuas: era possível enxergar como se fosse dia claro.

Teríamos de sair da jaula e correr bem em frente, esperando que das barracas vizinhas ninguém tivesse a ideia de olhar nesse exato instante para nossa prisão. Eu refletia. Não tinha relógio, contava com o de minha companheira. Ela não gostava que eu lhe perguntasse as horas. Hesitei em fazê-lo, mas fui em frente. “São nove horas”, ela respondeu, compreendendo que não era o momento de criar tensões desnecessárias. O acampamento já dormia, o que era um ponto a favor. Mas para nós a noite ia ficando cada vez mais curta.

O guarda lutava para se proteger da tromba-d’água que caía em cima dele, o barulho da chuva no zinco abafava meus pontapés nas tábuas podres. No terceiro chute, a tábua se espatifou. Mas a abertura que se formou não era muito grande.

Passei minha pequena mochila e a coloquei do lado de fora. Minhas mãos ficaram encharcadas. Eu sabia que teríamos de passar dias inteiros molhadas até os ossos e para mim esse pensamento era absolutamente repulsivo. Irritava-me comigo mesma à ideia de que uma noção qualquer de conforto pudesse interferir em minha luta pela liberdade. Parecia-me ridículo perder tanto tempo em me convencer de que não adoeceria, que minha pele ficaria um trapo depois de três dias de intempéries. Então pensava com meus botões que minha vida tinha sido fácil demais e que eu estava condicionada por uma educação em que o medo da mudança se escondia atrás de prescrições de prudência. Observava aquela gente jovem que me mantinha presa e não podia deixar de admirá-la. Não sentiam calor, não sentiam frio, nada os picava, mostravam uma notável habilidade em todas as atividades que exigiam força e flexibilidade e se deslocavam pela selva andando

três vezes mais depressa que eu. O medo que eu devia superar era feito de preconceitos de todo tipo. A primeira tentativa de fuga fracassara porque tive medo de morrer de sede, já que me proibira de beber a água marrom das poças que se espalhavam pelo chão. Agora, fazia meses que me exercitava em beber água barrenta do rio, para provar a mim mesma que sobreviveria aos parasitas que já deviam ter colonizado minha barriga.

Aliás, desconfiava que o comandante da frente que me capturara, El Mocho César, tinha dado aos guerrilheiros, na minha frente, a recomendação de “ferver a água das presas” a fim de que eu ficasse mentalmente dependente dessa medida de assepsia e que tivesse medo de sair do acampamento e me aventurar na mata.

Para alimentar nosso medo da selva, ele ordenara que nos levassem à beira do rio para assistir à morte de uma cobra imensa que haviam capturado quando ela estava prestes a atacar uma guerrilheira, na hora do banho. O animal era um verdadeiro monstro. Eu o medi com os pés. Tinha oito metros de comprimento e 55 centímetros de diâmetro — a medida da minha cintura. Foram necessários três homens para tirar a cobra da água. Chamavam-na de *guio*, e no meu entender era uma anaconda. Meses a fio, não consegui tirá-la de meus pesadelos.

Eu via aquela juventude à vontade na selva e me sentia desajeitada, enfraquecida, como que deficiente. Comecei a perceber que era minha autoimagem que estava em crise. Num mundo em que eu não inspirava respeito nem admiração, sem a ternura e o amor dos meus, sentia-me envelhecer sem perdão, ou melhor, condenada a detestar aquilo em que tinha me transformado, tão dependente, tão boba, tão incapaz de resolver os pequenos problemas cotidianos.

Por mais alguns instantes observei a abertura estreita e, lá fora, a muralha de chuva que nos esperava. Clara estava agachada ao meu lado. Virei-me para a porta da jaula. O guarda tinha desaparecido sob o temporal. Tudo estava parado, a não ser a água, que caía sem dó. Minha companheira virou-se para mim. Nossos olhares se cruzaram. Nossas mãos se encontraram, estávamos unidas uma à outra, até na dor.

Tínhamos de ir. Soltei-me, alisei minhas roupas e me deitei ao lado do buraco. Passei a cabeça entre as tábuas com uma facilidade encorajadora, depois os ombros. Com uma contorção, fiz o corpo avançar. Senti-me bloqueada e espernei nervosamente para forçar a saída de um braço. Quando consegui, impulsionei o corpo. Com a força da mão livre, enfiando as unhas no chão, consegui passar o torso. Rastejei numa contorção dolorosa dos quadris para que o resto do corpo escorregasse enviesado pela abertura. Finalmente saí e pulei sobre as pernas. Dei dois passos de lado, a fim de que minha companheira também pudesse sair.

Mas não havia nenhum movimento ao lado do buraco. O que Clara estava fazendo? Por que ainda não saía? Agachei-me e olhei para dentro. Nada, só a escuridão uterina do buraco que me intimidava. Arrisquei-me a cochichar seu nome. Nenhuma resposta. Enfiei a mão e procurei, tateando, um contato. Um forte enjoo apertava minha garganta. Permaneci de cócoras, observando cada milímetro de meu campo de visão, pronta para ver os guardas pularem em cima de mim. Tentei calcular o tempo que havia passado desde minha saída. Cinco minutos? Dez? Era incapaz de avaliar. Refleti rapidamente, indecisa, à espreita do menor ruído, de olho na menor luz. Uma última vez, de cócoras diante da abertura, chamei Clara, pressentindo que não haveria resposta.

Levantei-me. Diante de mim, a mata cerrada e aquela chuva torrencial que viera atender a todas as minhas preces dos dias anteriores. Eu estava do lado de fora, não havia recuo possível. Precisava agir depressa. Assegurei-me de que o elástico que prendia meu cabelo estava no lugar. Não queria que a guerrilha encontrasse o menor indício do caminho que eu ia pegar. Devagar, contei: um... dois... No três, parti, em frente, para a selva.

Eu corria, corria, tomada de um pânico incontrollável, esgueirando-me das árvores por reflexo, incapaz de ver, de esperar, de pensar, sempre em frente, até a exaustão.

Enfim, parei e dei uma olhada para trás. Ainda conseguia ver a entrada da selva como uma claridade fosforescente entre as árvores. Quando meu cérebro voltou a funcionar, me dei conta de que estava recuando automaticamente, incapaz de me resignar a partir sem ela. Relembrei, uma a uma, todas as nossas conversas, repassando as recomendações combinadas entre nós. Uma em particular me vinha à memória e a ela eu me agarrava com esperança: se nos perdêssemos na saída, nos encontraríamos nos *chontos*. Tínhamos falado disso uma vez, de passagem.

Felizmente meu senso de orientação parecia funcionar bem. Podia me perder numa grande cidade quadriculada, mas na selva eu encontrava meu norte. Saí exatamente na altura dos *chontos*. O lugar, é claro, estava vazio. Olhei enojada para a nuvem de bichinhos acima das fossas cheias de excrementos, para minhas mãos sujas, minhas unhas pretas de lama e aquela chuva que não parava. Não sabia mais o que fazer, estava prestes a cair no desespero.

Ouvi vozes e depressa me refugiei na densidade da mata. Tentei perceber o que estava acontecendo dos lados do acampamento e o rodeei para me aproximar da jaula, protegendo-me, bem no lugar de onde eu tinha saído. O temporal se transformou numa garoa persistente, que permitia que os sons se propagassem. Chegou-me a voz forte do comandante. Impossível entender o que dizia, mas o

tom era ameaçador. Uma lanterna de bolso iluminou o interior da jaula, depois o feixe de luz entrou com violência pelo buraco das tábuas e percorreu a clareira da esquerda para a direita, passando a poucos centímetros de meu esconderijo. Dei um passo atrás, suando em bicas, com vontade de vomitar, o coração em disparada. Foi quando ouvi a voz de Clara. O calor que me sufocava deu lugar, sem transição, a um frio mortal. Todo o meu corpo começou a tremer. Eu não entendia o que poderia ter acontecido: por que ela fora capturada? Outras luzes apareceram, ordens circulavam, um grupo de homens munido de lanternas se dispersou: alguns inspecionavam as paredes da jaula, os cantos, o teto. Pararam perto do buraco, depois iluminaram a entrada da mata. Vi quando falaram entre si.

A chuva parou de vez e a escuridão caiu como uma chapa de chumbo. Vislumbrei a silhueta de minha companheira dentro da jaula, a uns trinta metros de meu esconderijo. Ela acabara de acender uma vela, prerrogativa muito rara: como prisioneiras, não tínhamos direito de ter luz. Falava com alguém, mas não era o comandante. As vozes eram pausadas, como que contidas.

Sozinha, encharcada e trêmula, contemplei aquele mundo que já não me era acessível. Era tão tentador confessar-me vencida e voltar ao seco e ao calor! Contemplei aquele espaço iluminado, pensando que não podia me afligir com minha sorte, e repeti para mim mesma: “Tenho de ir embora, tenho de ir embora, tenho de ir embora!”

Apartei-me dolorosamente da luz e enfiei-me na escuridão. A chuva recomeçou. Estendi as mãos para a frente, a fim de evitar os obstáculos. Não havia conseguido um facão, mas tinha uma lanterna de bolso. O risco de usá-la era tão grande quanto o medo de fazê-lo. Fui andando devagar por aquele espaço ameaçador, pensando que a acenderia quando realmente não aguentasse mais. Minhas mãos batiam em superfícies úmidas, enrugadas e viscosas, e eu esperava a qualquer momento sentir a queimadura de um veneno fulminante.

A chuva despencou de novo. Ouvi seu ruído ao bater nas camadas de vegetação que me protegeriam ainda por alguns minutos. Esperava que a qualquer momento meu frágil telhado de folhas acabasse cedendo e desmoronasse sob o peso da água. Acabrunhava-me a perspectiva do dilúvio que não tardaria a me submergir. Já não sabia se o que escorria em minhas faces eram pingos de água ou lágrimas, e me exasperava por ter de arrastar aqueles resquícios de criança chorona.

Tinha me afastado bastante. Um raio rasgou a mata, aterrissando a poucos metros de mim. Num piscar de olhos o espaço ao redor me foi revelado em todo o seu horror. Cercada de árvores gigantescas, eu estava a dois passos de cair num barranco. Parei de repente, completamente cega. Agachei-me para retomar o fô-

lego entre as raízes da árvore que havia à minha frente. Estava a ponto de pegar a lanterna quando observei ao longe alguns raios de luz intermitentes vindo na minha direção. Ouvia as vozes deles. Deviam estar pertinho, um deles gritava que tinha me avistado. Escondi-me entre as raízes da velha árvore suplicando a Deus que me tornasse invisível.

Acompanhei a direção dos passos deles pelo balanço dos feixes luminosos. Um deles apontou a lanterna para mim e me ofuscou. Fechei os olhos, imóvel, à espera dos uivos de vitória antes que tivessem pulado em cima de mim. Mas os raios de luz me abandonaram, deambularam mais adiante, retornaram por um momento, e então se afastaram de vez, deixando-me no silêncio e no breu.

Levantei-me sem acreditar demais naquilo, ainda trêmula, e encostei-me na árvore centenária para me refazer do susto. Permaneci ali por longos minutos. Um novo raio iluminou a selva de repente. De memória, segui por um caminho em que tive a impressão de perceber uma passagem entre duas árvores, esperando que um novo raio viesse me tirar de novo das trevas. Os guardas não estavam mais lá.

Minha relação com aquele mundo da noite já mudara. Eu avançava com mais facilidade, minhas mãos se revelavam mais ágeis em reagir e meu corpo aprendia a antecipar os acidentes do terreno. A sensação de horror começava a se diluir. Ao meu redor já não havia um ambiente totalmente hostil. Eu percebia aquelas árvores, aquelas palmeiras, samambaias, aquele mato invasor como um possível refúgio. De repente, o desespero de minha situação, o fato de estar encharcada, de ter as mãos e os dedos sangrando, de estar coberta de lama, sem saber para onde ir, tudo aquilo perdia importância. Eu podia sobreviver. Precisava andar, manter-me em movimento, afastar-me. De manhãzinha eles recomeçariam a perseguição. Mas em meio à energia da ação eu repetia para mim mesma “estou livre” e minha voz me fazia companhia.

De forma imperceptível, a selva se tornou mais familiar, passando do mundo negro e plano dos cegos aos relevos monocromáticos. As formas ficaram mais nítidas e finalmente as cores se apossaram de novo do universo: era o alvorecer. Eu precisava encontrar um bom esconderijo.

Apressei o passo, imaginando os reflexos deles e procurando adivinhar seus pensamentos. Queria encontrar um rebaixamento de terreno que me permitisse enrolar-me no grande plástico preto e me cobrir de folhas. Em poucos minutos a selva passou do cinza-azulado ao verde. Já deviam ser cinco horas da manhã, eu sabia que podiam pular em cima de mim a qualquer momento. No entanto, a mata parecia tão fechada! Nem um ruído, nem um movimento, o tempo parecia suspenso.